

O REAL E O VIRTUAL EM DEBATE: os impactos das práticas educativas virtuais no cotidiano dos/as Professores/as e Gestores Escolares

Wilson Honorato Aragão
Professor Doutor/CE/DHP/PPGE/UEPB
wilsonaragao@hotmail.com

Ana Paula Romão de Souza Ferreira
Professora Doutora/CE/DHP/UEPB
anarosfe@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir as mudanças tecnológicas em nossa sociedade e o seu significado no campo da educação. Está ancorado no campo da pesquisa histórica do tempo recente e da etnografia digital. Para tanto, utilizamos de pesquisa bibliográfica e digital para compreender as concepções de inclusão digital em nossa sociedade e seus impactos na formação de professores/as e gestores/as escolares da educação básica. Compreendemos nos resultados que estas tecnologias ainda tem sido pouco utilizadas e que é necessário o trabalho de formação técnica, tecnológica e de outra cultura (digital) no processo formativo de docentes e gestores.

Palavras chave: Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs); Formação de Professores/as e gestores/as; Inclusão digital.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é parte integrante de reflexões sobre o resultado das nossas pesquisas voltadas para análises das práticas educativas digitais e suas possibilidades enquanto fonte de ensino e de contribuições para a formação de professores/as entre outros sujeitos que atuam no campo educacional, a exemplo dos gestores escolares. Compreendemos que estas fontes digitais, por serem complexas em termos de entrecruzamento do *face a face*, constituem em artefato histórico, da História do Tempo Presente.

Refletimos que o ensino das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e suas possibilidades didáticas da produção e socialização do conhecimento e, não, o mero acúmulo de informações, está intimamente ligado ao percurso educacional.

Esperamos que a escola possa ser esse *lócus* de acréscimo de competências e habilidades que serão desenvolvidas nos estudantes – considerados sujeitos aprendentes e socializadores do conhecimento desta sociedade – uma nova configuração, da chamada sociedade em rede.

Além disso, refletiremos sobre as contradições e cuidados existentes no processo de formação das novas tecnologias digitais e como formar censo crítico num processo contínuo virtual e real, através de inúmeras ferramentas digitais, que ora, desemboca em novas práticas de ensino.

2 Demarcação dos caminhos metodológicos

Uma preocupação constante nesta investigação foi não submeter ou enquadrar o “objeto de estudo” a algum paradigma preestabelecido da Teoria da História. Desta forma, as categorias utilizadas para a análise dos dados coletados foram construídas a partir das pistas deixadas pelas fontes (reais e virtuais), ao longo do processo da pesquisa. Pois, apesar de não acreditarmos na neutralidade científica, não podíamos correr o risco de distorcer as pistas deixadas pelas fontes e enquadrar o nosso “objeto” de estudos na exclusividade de algum paradigma teórico preestabelecido.

Neste sentido, concordamos com a professora Clarice Nunes, pesquisadora de história da educação, que – Numa abordagem sociocultural – estudou a escola pública na cidade do Rio de Janeiro, no período de instalação e institucionalização da modernidade pedagógica no Brasil. Ao refletir sobre a utilização exclusiva de alguma teoria específica para a interpretação dos dados, assim se posicionou:

O exclusivismo pode ser identificado como uma centralização teórica perniciosa que trata inadequadamente o setorial, à medida que o transforma numa totalidade que ele não é. O uso exclusivista de qualquer matriz teórica torna-se então um discurso que cala os outros e em seu alto grau de generalidade não estabelece seus próprios domínios e limitações. Esta atitude nada inocente corporifica um abuso de poder do pesquisador que torna estreito e monolítico o seu discurso...

Através desta forma não-exclusivista de trabalhar a relação teoria e empiria, defendida por Nunes, com a qual concordamos, é que pretendemos construir este trabalho. No nosso entendimento, está de acordo com Duby, quando diz: “... Na realidade, o que professo é que o historiador, para não distorcer o conteúdo dos documentos que interroga, deveria abordá-los livre de qualquer ideia preconcebida...”. Neste sentido, não tivemos em nenhum momento a preocupação de enquadrarmos o nosso “objeto de estudo” a algum referencial epistemológico. Para melhor compreendermos seus elementos trabalhamos com autores ligados a nova história e também com autores marxistas, entre outros.

Por se tratar de um estudo sócio-histórico do presente, do imediato, do cotidiano, uma preocupação constante nesta investigação foi a seleção, a classificação e exclusão das fontes, pois, como defendeu Hobsbawm (1998):

[...] o problema fundamental para o historiador contemporâneo em nosso tempo infinitamente burocratizado, documentado e inquiridor é mais o excesso incontrolável de fontes primárias que uma escassez das mesmas.

Também elucidativas são as palavras de Jean Lacouture (1998), no texto “A História imediata”, quando, ao refletir sobre as vantagens e as desvantagens deste tipo de pesquisa histórica, defende que: “... a história talvez seja melhor quando considera o curso dessas transformações, independente do desenlace ...”

Portanto, a nossa preocupação central na construção deste trabalho não foi de analisar/explicar um resultado, mas efetivar um diálogo sobre as possibilidades da utilização das práticas educativas virtuais como fontes de estudo e elemento formador na dimensão da formação de professores.

Vale salientar que esta opção de análise histórica pode vim a ser enriquecida com uma análise no campo da etnografia digital, que consiste em investigar intersubjetividades culturais presente em alguns grupos sociais específicos.

Perrenoud (1995) defende a ideia de que a formação deve ter como base a pesquisa em várias dimensões, pois, no seu entendimento, uma iniciação à investigação científica poderia contribuir para a adoção, por parte dos professores, de uma prática reflexiva.

Em síntese, esta pesquisa fundamenta-se no referencial teórico que concebe a formação inicial como um processo de construção de saberes numa perspectiva crítica, social, reflexiva e historicamente contextualizada que deve ser articulada com a formação continuada e com a pós-graduação e que não pode desconsiderar as práticas educativas virtuais como sendo necessárias em sua formação.

Portanto, neste trabalho, concordamos com a concepção de formação de professores defendida pelo movimento organizado em torno da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE) e do Fórum dos Diretores de Faculdades/Centros de Educação das Universidades Públicas Brasileiras (FORUMDIR), que entendem:

[...] a formação de professores como parte da luta pela valorização e profissionalização do magistério, considerando, portanto, a Universidade como *locus* privilegiado para realizar esta formação. Tal projeto defende o princípio da indissociabilidade na formação dos diversos profissionais da educação, afirmando uma sólida formação teórica na área de educação e nas áreas específicas, favorecendo a compreensão do fenômeno educativo e de seus determinantes. Propõe que a formação do professor contemple vivências e discussões em torno das diferentes manifestações culturais historicamente produzidas. Assume a pesquisa como princípio formativo e elemento articulador da relação teoria e prática.

Na mesma direção, defendemos que existe uma necessidade de se pensar a formação de professores/as e dos/as gestores/as a partir de reflexões sobre **a própria prática da profissão docente e de gestão educacional**.

3 FACE À FACE: cotidiano é história do tempo presente na Formação de Professores/as e Gestores/as.

Na condição de gestor e professor/professora no ensino superior estabelecemos uma série de meios de comunicabilidade com estudantes de graduação e pós-graduação através de *e-mail*, *facebook* e *twitter*. Para nossa surpresa, por vários momentos nos encontramos com dezenas, e até centenas de estudantes, professores, pesquisadores, na rede social do *facebook*, muitas vezes, estes encontros ocorrem em navegações nesta rede sócio comunicativa, durante as madrugadas. Mas, nem por isso, os assuntos tratados são apenas de interesse fora do campo acadêmico. Na verdade, o espaço possibilita qualquer tipo de troca de informações, principalmente, acadêmicas: textos, vídeos educacionais, congressos que estarão ocorrendo, palestras entre outros.

Assim, algumas vezes, em menos meia hora de navegação na *internet* estávamos dialogando no *face* com as bolsistas e as professoras com quem dividimos debates sobre assuntos educativos e dos projetos que coordenamos, um deles foi o Projeto de especialização da Escola de Gestores. Foi quando resolvemos iniciarmos uma reflexão sobre o papel das redes sociais na história da educação, especialmente para aqueles estudantes, professores e pesquisadores que utilizam o *Facebook*.

Criado em 2004 por Mark Zuckerberg e seus amigos Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes o Facebook que, inicialmente, foi um programa que objetivava melhorar o relacionamento de Mark e seus colegas com as estudantes de Havard.

No dia 17 de maio de 2012, quando estávamos fechando este texto, os telejornais globais anunciaram que os milionários do *facebook*, na capital mundial da tecnologia, o Vale do silício, na Califórnia, Estados Unidos, iriam colocar no mercado aberto da bolsa de valores suas ações avaliadas em 100 bilhões de dólares.

Tomando por base a rede mundial de computadores, que foi criada na década de 1960, pelos militares americanos com vistas de servir de comunicação entre as suas bases instaladas em diversos países do mundo. Mark e seus amigos verificaram que assim internet transpôs os muros das bases americanas, o *facebook* não iria ficar preso aos muros de Havard e levou-o para outras universidades. Por meio dos estudantes, professores e pesquisadores o *Facebook* cobriu todo o planeta terra e, é atualmente a maior rede social *online* de relacionamentos do mundo.

Atualmente é praticamente impossível viver no espaço acadêmico sem está conectado a *internet*, sem está ligado ao mundo virtual, pesquisas que demoravam um vasto tempo agora são facilmente executada com clique. Também ganhamos muito no tempo das comunicações, pois as informações trafegam na rede em velocidade nunca antes previstas.

Dentro do espaço virtual e por meio da *internet* nasceu e cresceu Universidade Aberta do Brasil (UAB), inicialmente com cursos de graduação, como formação continuada para professores e professoras em serviços, Na UFPB temos os seguintes Cursos de Graduação à distancia: Lic. Plena em Pedagogia, Lic. Plena em Ciências Naturais, Lic. Plena em Matemática e o Lic. Plena em Letras. Um elemento importante é que o curso de pedagogia presencial é o maior curso em número de estudantes da UFPB com 1350 estudantes regularmente matriculados, porém foi ultrapassado pelo número de estudantes matriculados no curso de Pedagogia à Distancia.

Em seguida deu-se a expansão em nível de pós-graduação lato senso no Brasil, na Universidade Federal da Paraíba essa política se concretizou a partir dos seguintes cursos de especializações: os cursos de Especialização em Gestão Escolar, Especialização em Coordenação Pedagógica, Especialização em Educação e Diversidade Cultural e o Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos. Este último é ministrado atualmente na Paraíba, em dois polos no interior de Pernambuco e em cinco países do continente Africano.

Essa ampliação do acesso a educação formal atingiu também a pós-graduação *stricto sensu* com a criação de alguns Mestrados profissionalizantes, como o dirigido para professores de Matemática e o Mestrado em Gestão das entidades aprendentes (MEPOG).

Entretanto, em que pese os benefícios e as vantagens que a *internet* fornece para a humanidade não podemos deixar de mencionar os inúmeros casos de crimes *cibernéticos*, dentre eles os mais comuns são: o roubo de informações, a pirataria de software, reprodução não autorizada de material audiofonográfico e a divulgação de material fotográfico não autorizado.

Estamos na era da dualidade, mundo real e mundo virtual e neste mundo dual é comum encontrarmos nas lanchonetes, restaurantes, bares e clubes de amigos e também no *facebook*. Enquanto alguns conversam alegremente, uma parcela significativa está em silêncio, com o rosto iluminado pela luz do celular, onde conferem as atualizações nas redes sociais e curtem comentários, comentam fotos, postam fotografias etc.

Um cenário que a cada dia fica mais comum em locais públicos é que há sempre alguém que se desliga do grupo para entrar no mundo virtual através do telefone – aparelho que cada vez mais se desenvolve e ganha importância na sociedade da informação, mas que também pode isolar pessoas, mesmo quando estão no meio de grupos de amigos presenciais.

Com a chegada dos *smartphones* a telefonia passou a vivenciar um processo de integração com a comunicação nas redes sociais via *internet*, principalmente depois dos planos ilimitados adotados pelas empresas telefônicas que exploram esses serviços no Brasil.

O veloz e estressante mundo moderno deixa-nos assim, com essa indisposição, essa fadiga que não vai embora, que impõe uma grande sensação de cansaço, resultado do excesso de atividades e de preocupações que nos cercam no dia-a-dia.

As novas tecnologias despertam novas formas de contextualizar conhecimento e práticas pedagógicas. Para alguns teóricos, como Takahashi (2000), entre outros, a sociedade em que nos encontramos é a ‘sociedade do conhecimento’.

A educação é o elemento-chave na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado. Parte considerável do desnível entre indivíduos, organizações, regiões e países deve-se à desigualdade de oportunidades relativas ao desenvolvimento da capacidade de aprender e concretizar inovações. Por outro lado, educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho,

bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. (TAKAHASHI, 2000, p. 45).

A criança atual é um ser nativo do mundo digital, com acesso a celular, vídeo games, computador etc. O acesso ao mundo digital pode ser sentido, através de uma profunda velocidade de fatos e informações, que necessitam serem trabalhadas através de linguagens próprias, como *sites* especializados e *blogs*. Sem falar das comunidades virtuais/ redes sociais, como *orkuts*, *facebooks* e, tantos outros, que podem servir apenas para interações de relacionamentos, ou mesmo, para divulgar atividades relacionadas ao conhecimento e a cultura.

A própria educação no ensino superior tem se dado através da educação à distância, evidente, que com seus limites e estratégias diferenciadas da que vivenciamos cotidianamente, mas com recursos próprios e formas integrativas de discussões.

Ao pesquisarmos sobre tecnologias digitais a serviço da História da África e dos seus descendentes encontramos diversos *sites* e *blogs*, para este fim. Como já foi refletido, anteriormente, as chamadas REDES SOCIAIS tem sido um marco na história da comunicação, tendo uma conexão contínua e utilizada como um instrumento de transformação social, econômica, histórica e cultural para a sociedade atual, além do entretenimento, de informação e comunicação.

De acordo com esse desenho contextual esse mundo virtual passou a ter uma grande importância tanto para o/a professor/a como para o/a gestor/a, pois ele permite que através destas tecnologias digitais possamos melhorar a nossa prática e melhorando a nossa prática, possamos melhorar a qualidade da educação.

Nesse sentido, é necessário que, todos nós educadores, especialmente aqueles que desempenham atividades de gestão, compreendam que estamos vivendo um momento histórico de importância ímpar na história da leitura e da escrita mundial, que é a transição da era da escrita com tinta no papel para um tempo em que todo esse processo se desenvolve no espaço digital. Assim a transição para a era digital é a mais radical transformação da nossa história intelectual desde a invenção do alfabeto Grego (que não foi o primeiro, mas o que se massificou na Europa e para além dela).

4 POSSIBILIDADES EDUCATIVAS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DAS TICS

A escola pode e deve aproveitar dessa situação, procurando formas e abordagens de conteúdos nos currículos que façam uso das plataformas eletrônicas (sobretudo de computadores, áudio-livros, tablets, e-books, smartphones com acesso a internet) e redes sociais como forma de tornar o ato de estudar e a escola mais atraente para o estudante, possibilitando uma maior motivação para aprendizagem com uma contextualização mais adequada dos conteúdos ministrados.

Uma das situações onde o aumento desses recursos pode ser realçada, notado é através da observação do aumento da compra de novos equipamentos eletrônicos, laboratórios do ensino de ciências, de laboratórios do ensino de matemática, laboratórios de informática, tablets, notebooks, Datashow entre outros, para as escolas. Dessa forma, a escola enquanto instituição busca acompanhar o desenvolvimento tecnológico da sociedade, ou seja, para preparar o estudante para o trabalho e para a vida.

Nesse novo cenário o bom educador deve além de dominar o conhecimento específico de sua disciplina e a capacidade de planejar a progressão pedagógica do processo ensino-aprendizagem, deve saber também elaborar a melhor forma de apresentar o conteúdo, que agora, deve ser multimídia, ou seja, envolve textos, imagens, hiperlinks, áudios e vídeos. Neste sentido, as redes sociais, os diversos dispositivos tecnológicos e até 'smartphone' podem ser usados em sala de aula. **Mas, além de dominar a técnica, os professores precisam saber usá-los pedagogicamente**, como já foi colocado por Lévy (1994), ao falar da importância da cibercultura.

Já o gestor necessita criar uma nova cultura onde os laboratórios de informática sejam polos de irradiação de conhecimentos através das redes sociais, ou seja, devem possibilitar que estes apresentem jogos aplicativos de matemática, de física, filmes de geografia, de ciências, de literatura portuguesa, enfim de todos conteúdos didáticos ministrados de acordo com o nível da escolaridade.

Nesse sentido, o gestor precisa aprender esta nova cultura, não basta laboratórios é necessário mudar as práticas cotidianas da escola, levar para sala de aula as práticas informativas e comunicativas que já estão na sociedade.

Infelizmente, segunda denúncia do Jornal o Estado de São Paulo, de 21/02/2013, uma parcela significativa dos computadores não foram instalados nas escolas, como podemos observar nas seguintes afirmações:

(...) apesar das escolas, no momento do cadastro para o recebimento de laboratórios, declararem a existência de infraestrutura adequada para instalação dos

equipamentos, a falta de tal requisito motivou 66,07% das ocorrências de laboratórios entregues e não instalados, o que demonstra fragilidade nos controles da gestão por parte dos Estados e municípios que receberam o laboratório do Proinfo, diz o relatório da CGU.

Na grande maioria dos laboratórios escolares a utilização das redes sociais é proibida. Algumas vezes, por falta de conhecimentos dos professores. Podemos até estabelecer regras com senhas, entre outros, mas as redes sociais podem sim possibilitar a socialização do conhecimento, se devidamente focada para este intuito.

A escola pode trabalhar através da educomunicação, que é um campo recente que aproveita as ferramentas das TICs para as práticas educativas do ensino moderno. Esta prática possibilita uma relação mais horizontal no campo da relação ensino-aprendizagem, pois incluem atividades através da utilização de ferramentas, anteriormente, próprias do comunicólogo, agora transpostas para atividades pedagógicas, que podem ser desenvolvidas por professores e estudantes na educação básica, tais como: rádio escolar, rádio digital, projetos de entrevistas e reportagens, junto à comunidade escolar, blogs, produção de vídeos utilizando celulares ou câmaras, produção e/ou socialização de softwares de aprendizagem online, etc. Enfim, condicionando um melhor desenvolvimento de tecnologias intelectuais digitais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, compreendemos que o real e o virtual estão imbricados no cotidiano de professores/as e gestores/as da educação e tem possibilitado através de novas tecnologias digitais uma melhor auto-estima de estudantes, professores/as e gestores/as contribuindo significativamente para linguagens emancipatórias, linguagens estas produzidas e proporcionadas pela sociedade do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANFOPE/FORUMDIR – **Carta de Curitiba**. In. Boletim ANFOPE, N.º 15, Dez./2001, p. 9-10.

DUBY, Georges. **A história continua**. (Trad.) Clóvis Marques; revisão técnica, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.79.

LACOUTURE, Jean. **A história imediata**. Pp.216-236. In. LE GOFF, Jaques, **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes,1988, p. 222.

LÉVY, PIERRE. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Editora34, 1994.

MOREIRA, Antonio. Flávio B.; CANDAU, V. M. **Conhecimento e cultura**. In: BEAUCHAMP, Janete; PAGEL, Sandra D.; NASCIMENTO, A. R. do (Org.). Indagações sobre currículo. Brasília, DF: MEC, 2008.

NUNES, Clarice. **Articulação teórico-empírica na pesquisa histórica: notas de estudos**. Brasília: MEC/INEP, Série Documental Eventos, n. 6, pp. 54-67, 1995, p. 57.

TAKAHASHI,T. (org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Ministério da Ciência e Tecnologia, Brasília, 2000.